

MAGRE VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO X N.º 472 — PREÇO 17\$50 — 3/4/86

VOLEIBOL

Seleccção Nacional treinou em Espinho



Miaihlesco, Mirandela Costa, D'Alte Pinho e Rolando Sousa

DIRECTOR-GERAL DOS DESPORTOS «EM CIMA DA JOGADA»

Sábado passado, pelas 12 horas, no pavilhão Arq. Jerónimo Reis, aquando do treino da selecção nacional de Voleibol «seniores», surgiu pela pequena porta do fundo do pavilhão de treinos o Dr. Mirandela Costa, actual Director-Geral dos Desportos, acompanhado do professor Manuel Puga, que ocupa as funções de Director-Regional dos Desportos.

Depois de assistir à parte final do trabalho dos jovens seleccionados, fez questão de conhecer pessoalmente cada um dos elementos e de seguida numa pequena alocução, focou alguns dos problemas inerentes à modalidade.

A dado ponto referiu o já valioso investimento feito em técnicos de alto gabarito e prometeu não deixar de apoiar esta geração de estatura elevada e valor superior, criando assim as condições necessárias para que o volei nacional atinja o nível europeu.

Com a sua presença, o Dr. Mirandela Costa envaideceu a selecção; através das suas palavras, perspectivou um futuro que corresponde a um presente promissor.

— REPORTAGEM NA PÁGINA 3

FUTEBOL

— PÁGINA 5

PAÇOS FERREIRA, 2 - SP. ESPINHO, 1

resultado certo era a igualdade

Câmara:

Para quando os vereadores a tempo inteiro ?

— ÚLTIMA PÁGINA

Infantário do Patronato:

COM ORDEM DE DESPEJO ?

— ÚLTIMA PÁGINA

ANDEBOL FEMININO

Conferência de Imprensa do Sp. Espinho

A secção de andebol do SCE promoveu, na terça-feira da passada semana, uma conferência de imprensa onde explicou quais os motivos que levaram a retirar a equipa sénior feminina do campeonato nacional da 1.ª divisão de andebol, numa altura em que a mesma se encontrava no comando da sua série do respectivo campeonato. Pelo SCE estiveram presentes o presidente em exercício, Rolando Sousa, o director da secção de andebol, Valentim Castro e os técnicos António Canelas e Jorge Ramiro.

— PÁGINA 5

É necessário banalizar o consumo ocasional de drogas

É necessário banalizar, «desdramatizando», o consumo ocasional de drogas leves, caso contrário estaremos a contribuir para o aparecimento de um cada vez maior número de jovens dependentes deste verdadeiro flagelo social.

Esta opinião, que subscrevo inteiramente, foi-me expressada recentemente por Amaral Dias representante de Portugal no grupo do Conselho da Europa responsável pela prevenção e tratamento no uso de drogas e responsável máximo pelo Centro de Estudos e Profilaxia da Droga de Coimbra. A acuidade deste texto e a sua justificação próxima (se é que um tema des-

tes necessita de justificação) resultam de um artigo publicado no número de reaparecimento do «Maré Viva» e assinado por Maria Alice Casal Ribeiro.

Que me desculpe a autora dessas linhas, que muito considero pessoalmente, mas a forma demasiado leve e excessivamente moralista como aborda a questão são para mim motivos causadores de preocupação, face à necessidade de uma leitura mais aprofundada e dimensionada à realidade sócio-cultural que presentemente envolve a questão da droga.

Mais do que exprimir pontos de vista pessoais, tenciono aproveitar estas linhas para deixar expressa a opinião de Amaral Dias, por me parecer que o seu estatuto e entendimento do problema são por si só uma garantia.

Em sua opinião «o consumo ocasional de drogas leves», os chamados «fumos», «não constituem dependência», pelo que é necessário «banalizar e desdramatizar» esse tipo de consumo.

Outra é a questão se o consumo deixa de ser ocasional. Segundo aquele especialista, a dependência pode ser prevenida a dois níveis: «a sensibilização, criando fontes de interesse para o jovem» e «a transformação ao nível das mentalidades, não catalogando o consumidor ocasional como o dependente».

A par desta prevenção geral, Amaral Dias é defensor de uma «prevenção específica, ao nível dos chamados grupos de alto risco no consumo» e do seu ponto de vista «são diversos os factores a ter em conta como causas da toxicomania».

«A tendência hoje em dia vai no sentido de construir um modelo aberto de factores bio-psico-sociológicos, pois as diferentes causas têm uma relação de mútua complementaridade e penetração» — observou.

De entre esses factores realçou os desequilíbrios familiares e frisou mesmo que «nas famílias de toxicómanos há doze vezes mais mortes de pais e seis vezes mais separações de casais do que em situações normais».

A capacidade de adesão dos jovens aos valores sociais foi outros dos factores apontados por Amaral Dias, que afirmou exemplificando: «se houvesse

agora uma guerra entre Portugal e Espanha, o número de toxicómanos no nosso país desceria para metade».

A sua perspectiva é de que «na falta de valores sociais a que se possam referenciar, os jovens tomam-se dependentes da droga», a que juntou outras causas tais como a «proveniência de meios desfavorecidos e toda uma série de condicionantes psicológicos e sociais».

Amaral Dias, que afirma ser o centro de profilaxia de Coimbra «dos melhores a nível europeu pelos resultados alcançados» disse que «o Centro não existe para recuperar seja quem for, mas sim para criar condições que permitam à pessoa recuperar-se ela própria».

Acrescentou ainda que «cinquenta por cento da comunidade terapêutica que já passou por este centro é hoje capaz de gerir a sua existência».

«A doença é um problema de estupidez, uma vez que se traduz na perda de liberdade interior» — salientou Amaral Dias, para quem «lutar até ao fim» é a missão de médicos e psicólogos «nunca acreditando que há casos irreversíveis».

Espero sinceramente que estas palavras agora reproduzidas, permitam uma leitura desapassionada de um problema que deve ser encarado com frontalidade, mas através de meios e formas adequadas de resolução.

Aconselhar os «toxicómanos» a «relaxar» não é de facto a melhor solução. D. Maria Alice Casal Ribeiro; primeiro porque é necessário determinar com exactidão o universo dos toxicómanos, «não metendo no mesmo saco» quem é, e quem não é dependente da droga, sob o risco de se contribuir para a sua proliferação quando se pretende exactamente o contrário; segundo, porque uma atitude passiva de aconselhamento ao «relax» pode ter (e tem concretiza) efeitos contraproducentes. É necessário agir, nem que esse comportamento constitua uma omissão, isto é, não considerando alguns jovens como «drogados» antes mesmo deles o serem. Caso contrário corre-se o risco deles gostarem do «rótulo» e de aderirem à moda, bem ao estilo de «benetton» ou do «prá frente português».

LUIS COSTA

pequenas notícias

CIDADÃO ESPANHOL PRESO POR TRÁFICO DE DROGA

Um cidadão espanhol de nome José Ramón Rodríguez Cadilla foi capturado por agentes da PSP local na Av. 8, junto à estação dos caminhos de ferro, por ter sido encontrado com 5 gramas de haxixe em barra e 3 de liamba em grão. Foi-lhe apreendida a droga, assim como a viatura automóvel PO-0406-A.

O capturado confessou que a droga se destinava para tráfico nesta cidade estando por tal motivo presente no dia 31 no tribunal de instrução criminal de V. N. Gaia.

CHOQUE DE VEÍCULOS

No cruzamento das ruas 20 e 37, ocorreu no passado dia 26 um acidente que envolveu as viaturas HZ-22-59 e BP-43-93, conduzidas respectivamente por António Barros Marques, residente em Nogueira da Regedoura e por Gil Pereira Ribeiro, residente em Espinho. Do acidente resultou danos nos dois veículos e ferimentos ligeiros no segundo condutor.

ACIDENTE ENVOLVE LIGEIRO E MOTORIZADA

Em Silvalde, na estrada nacional 109, ocorreu no dia 27 último, um acidente que envolveu o automóvel TS-91-72 e a motorizada 5 VNG 70-66, conduzidos respectivamente por António Rodrigues Félix, residente em Anta e por Manuel Pereira da Fonseca, residente m S. Félix da Marinha. Do acidente resultaram danos nos dois veículos e fractura da perna direita do condutor da motorizada, que depois de receber os primeiros socorros no hospital de Espinho, seguiu para o hospital de Gaia.

COOPESPINHO: CONTAS APROVADAS

Realizou-se a Assembleia Geral para discussão do Relatório e Contas relativas ao ano de 1985, em 22/3.

Com um pequeno número de associados foi no entanto muito participada pelos presentes numa manifestação de interesse pela Cooperativa.

Os documentos em causa, depois de explicados pelos presidentes da Direcção e do Conselho Fiscal, foram aprovados por unanimidade.

Antes da Ordem dos Traba-

lhos foi presente à Assembleia a bandeira da Coopespinho o que mereceu não só a aprovação mas muitas manifestações de satisfação e os maiores elogios.

Ao fim de quase 7 anos de existência da loja esta Cooperativa de consumo, a quem muitos auguravam muito curta vida, continua a servir, e cada vez melhor, os seus associados, está consolidada, como demonstram as contas, e é um instrumento importante de defesa dos consumidores.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO EDITAL

Sessão pública no dia 10/4/1986

Dr. José Augusto Ferreira de Campos, Presidente da Assembleia Municipal supra:

Faz público, de acordo com as disposições legais aplicáveis, que no próximo dia 10 de Abril de 1986 se realizará nos Paços do Concelho a segunda sessão ordinária desta assembleia, que versará a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — *Deliberar sobre o limite do valor de obras, fornecimentos e concessões a partir do qual se torna obrigatório concurso público;*
- 2 — *Deliberar sobre a actualização de algumas taxas municipais.*

Para constar se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo do concelho.

Espinho, aos 19 de Março de 1986

O Presidente da Assembleia,
Dr. José Augusto Ferreira de Campos

Fernando Rodrigues Lima

Distribuidor de papéis COLOWALL, com novas colecções para 1986 e 1987 acabadas de sair, Vimura, Pareta, Parati, etc.

DESCONTOS ESPECIAIS A EMPREITEIROS

Trav. da Rua 5 (traseiras da Garagem Sousa) — Tel. 721739
ESPINHO

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO

Convocatória

Assembleia Geral Ordinária

Em conformidade com o artigo 24.º dos Estatutos e nos termos do Artigo 26.º convoco todos os associados no gozo dos seus direitos a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 4 de Abril, pelas 21,30 horas, para:

- 1.º — *Leitura e aprovação da acta da reunião anterior;*
- 2.º — *Apresentação do Relatório e Contas respeitantes à Gerência de 1985; e parecer do Conselho Fiscal para discussão e aprovação;*
- 3.º — *Outros assuntos de interesse da Associação.*

ATENÇÃO: Se no dia acima citado não estiver presente o número legal de sócios para funcionamento da Assembleia, ficam desde já avisados os snrs. associados de que ela se realizará no dia 11 de Abril do ano em curso à mesma hora, reunindo então com qualquer número.

Espinho, 21 de Março de 1986.

O Presidente da Assembleia Geral
Dr. Manuel Soares Mota

Nota — A Assembleia terá lugar no edifício social.

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Director Interino:

José Rafael Tormenta

Chefe de Redacção:

Abílio Adriano

Redactores:

A. Casal Ribeiro
Filomeno Oliveira
Henrique Gomes
Mário Rui Silva
Salvador Almeida

Colabor. da Redacção:

Carlos Cruz
Henrique Santos
Morais Gaio
Nunes Carneiro

Colaborador Especial:

Carlos P. Morais

Colaboradores Locais:

Alice Rocha
Fausto Neves
Joaquim Fidalgo
Jorge Carvalho
Luís Costa
M.ª Alice Casal Ribeiro
Mário Correia
Mário Rui Neves
Orlando Cruz
Victor Sousa

Outros Colaboradores:

Agostinho Chaves
Alvaro Costa
Carlos Magno
José Queirós
Luísa Bessa
Margarida Portugal
Manuel Neto da Silva
Manuel Pinto
Manuel Tavares

Reportagem Fotográfica:

Clara Pinheiro
Mário Rui Silva

Paginação:

Augusto Mota
António Gaio
Henrique Ferreira

Propriedade da Nascente
Coop. de Aççã. Cultural
Rua 62, 251 - Telef. 721621

Composição e Impressão:
Coop. Gráfica Espinho, C.R.L.
Rua 14, 903 - Telef. 721016

Redacção:

Rua 62, 251 - 4500 Espinho
ou Apart. 43 - 4500 Espinho
Telef. 721621

Assinatura semestral:

380\$00

Assinatura anual:

700\$00

Depósito Legal: 2048/83

Tiragem deste número:

2.000 exemplares

Seleção Nacional de Voleibol em Espinho

A seleção nacional de Voleibol esteve na semana passada em Espinho. A sua estada nesta cidade fez parte de um programa de estágio, com vista à participação na Taça da Primavera que se disputará em meados de Abril, na Áustria.

Os jogadores seleccionados provêm, maioritariamente, de equipas nortenhas: Nelson Puga, Vilarinho, Carlos Filipe e Pedro Cardoso do F.C. Porto; Filipe Vitó e Vitor Coelho do SCE; José Adelino e António Silva do Esmoriz; Humberto Silva do Leixões; Hélder Teixeira da A. S. Mamede; Rodrigo Cunha do CDUL e Luís Quelhas do ISEF. O coordenador das seleções nacionais de voleibol é o técnico romeno Sebastian Miahlescu que foi contratado em Setembro de 1984 para esse efeito, o professor Luís Resende é o treinador adjunto da seleção sendo José D'Alte Pinho o director.

O ano passado iniciou-se um esforço decisivo por parte da Federação Portuguesa de Voleibol e Direcção Geral dos Desportos, para a melhoria da qualidade deste desporto.

Em 1985 a seleção efectuou também alguns estágios, tendo disputado a Taça da Primavera

e uma poule de apuramento do Campeonato Europeu de Voleibol. Este ano é a quarta vez que a seleção se reúne em estágio, este último iniciou-se em 24 de Março e durará até 20 de Abril. No passado fim de semana realizou-se um torneio da AVP (Associação de Voleibol do Porto), em que participou a seleção escocesa, um misto do Espinho e Leixões, uma seleção da AVP e a equipa nacional; esta venceu o torneio sem dificuldades. No dia 3 de Abril partirá para a Suíça onde vai entrar num torneio em que estarão também presentes as seleções nacionais da Suíça e Áustria. O objectivo final deste estágio é a Taça da Primavera, a disputar na Áustria. Portugal encontra-se numa poule de apuramento com a Turquia Gibraltar e Áustria II. Haverá mais três grupos que apurarão cada um duas equipas para a fase final que se disputará por eliminatórias.

FALANDO COM OS TÉCNICOS...

Tivemos a oportunidade de falar com alguns dos elementos da seleção que amavelmente nos receberam e se prontificaram a responder às nossas perguntas.

MV — O que pensa da situação actual do voleibol português?

S. Miahlescu — Sem entrar em conta com os países de Leste, e comparando, por exemplo, com a Alemanha, onde já trabalhei, o processo de treino é mais completo, há uma maior densidade de trabalho tanto físico, como técnico ou tático. Outra questão muito importante é a possibilidade de competir com outros países, na Europa

central é muito mais frequente e fácil o contacto entre seleções nacionais. Com competições internacionais os jogadores ficam a conhecer melhor as suas possibilidades. As condições de treino, em Portugal, são muito inferiores. Na Alemanha os jogadores treinam entre 14 a 20 horas por semana e apesar de os jogadores receberem uma compensação, o voleibol não é um desporto profissional. Há ainda as condições materiais de treino, como por exemplo, o aquecimento dos pavilhões: o voleibol é praticado, cá, essencialmente no Inverno e jogar voleibol em ambientes frios é muito duro e facilita o aparecimento de lesões.

Luís Resende — Nos últimos anos o voleibol tem evoluído favoravelmente, por exemplo, da uma média de dois treinos semanais passou-se para três e nas principais equipas quatro treinos por semana.

MV — Não acha que isso exige demasiado esforço e sacrifício, especialmente a jogadores que têm um horário de trabalho normal?

LR — O desporto de competição é para eleitos, eleitos pelas suas qualidades, que devem ter um espírito de sacrifício e empenhamento superiores. Hoje

dos, o que se passou?

VC — A empresa em que eu trabalhava não me dava facilidades de espécie alguma para a prática do voleibol. Quando me dispensava, as dispensas eram integralmente descontadas nas férias.

Esta situação veio a criar sucessivos problemas e eu acabei por deixar a empresa.

demente a publicidade. Também a divulgação que é feita pelos órgãos de informação é reduzida.

Filipe Vitó — Profissionalismo, poderá vir a existir, a longo prazo. E acho que pode ser benéfico porque só com boas condições se pode trabalhar e evoluir.

MV — És estudante de engenharia, como concilias as duas coisas?

FV — Nas condições que temos é muito difícil. Noutros países, os estudantes que praticam desporto de alta competição têm facilidades na escolha de horários ou datas de exames; cá, não querem saber disso para nada. Eu sinto-me prejudicado em relação aos estudos mas o voleibol dá-me um prazer que vem compensar isso. Se deixasse agora a prática do voleibol ia sentir um vazio que era difícil de preencher.

MV — Como é que situam o voleibol português a nível europeu?

Filipe Vitó, Vitor Coelho — Não nos podemos guiar pelas classificações que temos obtido na Taça da Primavera, a classificação neste torneio é enganadora. Se considerarmos três grupos no voleibol europeu, Portugal situa-se no topo do grupo interior com possibilidades de passar para um nível médio.



SEBASTIAN MIAHLESCU e LUIS RESENDE

em dia em algumas equipas já há uma compensação económica, para que outro tipo de compensações surjam, há que criar condições; investir na educação desportiva, criar uma mentalidade de treino diferente. Em Portugal está a iniciar-se esse processo e proximamente há que plagiar os modelos desportivamente mais avançados.

Não é por sermos mais esportos, mais aptos ou mais dotados que podemos competir com outras equipas mas sim se tivermos um trabalho e condições iguais ou semelhantes para o realizar.

E COM OS JOGADORES

Entrevistámos também dois jogadores da seleção que pertencem à equipa do SCE.

MV — Vitor Coelho, no ano passado viste-te impedido de participar na seleção portuguesa. Eras um dos jogadores convoca-

MV — O que pensas da possibilidade do profissionalismo no voleibol?

VC — Acho que cá em Portugal, de momento não é possível. O voleibol é uma modalidade pobre não movimenta muito dinheiro nem atrai gran-



FILIFE VITÓ e VICTOR COELHO

MARIA LINA LIMA

AGRADECIMENTO

Seu marido e restante família agradecem a todas as pessoas que compareceram no funeral e participam que a missa de 7.º dia se realizará hoje, dia 3 de Abril, às 19 horas na Igreja Matriz de Espinho.

JORGE RELVAS MULTICOISAS

DISCOTECA - RELOJOARIA TV - APARELHAGENS DE SOM - PORCELANAS BRINQUEDOS - ETC.

AVENIDA 24 N.º 217

FONSECA TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

CONTRALUZ

Quando o fascismo ainda se impunha como modo de vida para o povo que somos, havia uma espécie de homens que não tinha medo de nada; podiam ter a pele morena de Trás-os-Montes, as mãos robustas de um Ribatejano ou as rugas vincadas dos homens e mulheres do Alentejo. Falavam sempre destemidamente, eram talvez pouco racionais, mas extremamente emotivos. A alguns, arrastou-os a PIDE para uma luta que ainda não tinham descoberto bem; outros — gente de sorte — permaneceram por aí, na singeleza do seu rude e arrogante, na expectativa do seu olhar enigmático perante um país que — ao longo de uma dúzia de anos — se vem modificando.

Chamar Ano Internacional da Paz a 1986 é pouco. É mesmo muito pouco. Quase não se ouve falar dele. A Paz é, apesar de tudo, uma espécie de mística que se pretende alcan-

Ano Internacional da Paz ?

çar, numa ansiedade perpetuada que pretende ultrapassar todos os mitos. Exactamente como naqueles livrinhos de ficção em que as cidades estão dentro de rodomas, acontecendo tudo conforme a vontade dos «deuses».

A Guerra das Estrelas não seria então senão uma forma de nos obrigar a continuar a viver dentro desta subjugação biológica e psicológica que o Poder nos exige.

Metem-nos medo com a Guerra das Estrelas, do mesmo modo que, na Idade Média, o mar, o desconhecido, as bruxas e os dragões aterrorizavam tudo quanto fosse bicho-homem. Quando se chegou, depois do Renascimento, a uma época em que todos esses temores foram ultrapassados, chegámos à conclusão que — na realidade — esses monstros horrorosos eram os Bispos e os Padres, os Reis, com os seus autos-de-fé, o In-dex, a Inquisição.

O grande medo do Poder é

que nós não receemos coisa alguma; e atravessamos uma época em que a bomba atómica, a guerra das estrelas, já não nos lembra e por isso não nos amedronta muito. Mesmo que saibamos que já houve duas guerras mundiais ou que continuam a morrer cerca de treze milhões de crianças por ano com fome (e em Portugal também!).

Mas que a ONU tenha «denretado» este Ano Internacional da Paz... é caso para nos interrogarmos sobre o que virá a seguir.

O melhor será fazermos como aqueles homens de «Entre-Minho e Guadiana»: quando nos quiserem roubar o pão a a Paz a que temos direito, «cachaporra» em cima deles; e quanto ao resto, não receemos. Estes homens valentes ainda não acreditam na veracidade da televisão, nem que o homem foi à Lua. E não têm medo de nada... nem que o mundo acabé no ano dois mil!

J. R. T.

CARTAZ

Entre alguns cafés como pausa, labuta suada, telenovelas mal digeridas, sonhos tolhidos por muitas poluições, ficamos o desejo da fuga. Mas o écran iluminado, apesar das expectativas, traz-nos imagens gastas, desilusões enlatadas...

ESPINHO — CINEMA

SESSÕES NORMAIS

4 a 7/Abril — BOLERO (M/ 16 anos)

John Derek tem procurado explorar, até à medula, as virtudes da sua mulher, a tal Bo, de melhores qualidades. Só que quem vê corpos, não vê bons filmes...

A história, que até poderia ter piada, perde-se nos atractivos de Bo Derek, não tem graça, nem ritmo, muito menos interesse. Nem só de imagens vive o comum mortal, é preciso dar-lhes algum significado coerente.

8 a 10/Abril — OS INVASORES EXTRATERRESTRES (M/ 12 anos)

Um grupo de extraterrestres passou por uma cidade americana, em 1958. Vinte e cinco anos depois, as marcas da sua passagem reflectem-se negativamente, afectando a população.

Parecendo, à primeira vista, mais um dos muitos filmezinhos de pretensa ficção científica, esta obra de Michael Laughlin surpreende-nos pela forma como trata o assunto, ao privilegiar o ambiente psicológico, o jogo das personagens. Os efeitos especiais são moderados, mas contribuem para o interesse com que se segue a história.

SESSÕES DA MEIA NOITE

3/Abril — MENINAS DE BEM

5/Abril — BRIGADA DE COSTUMES

Temos a semana garantida. Não bastava o clima de confiança na eloquência governamental, asseguram-nos a defesa dos costumes, sadios, civilizados e de bem. Na base desta acção civilizadora, uma brigada de meninas, à medida das necessidades.

Ou será que o telejornal não nos deixa perceber, que estamos perante uma cambada de miúdas com costumes muito depravados? Na dúvida leia um bom livro, ou converse com o traveseiro!

PORTO — TEATRO

Pelo menos uma mão-cheia de espectáculos, alguns já muito (re)citados nesta coluna, aguardam-nos na Cidade Invicta. A peça mais recente, «EROSTRATO», é levada à cena por um elenco reforçado da Selva Trupe, onde se destaca Orlando Costa. Sob a direcção de Júlio Cardoso, os actores dão corpo a um texto de Pedro Barbosa, no espaço da Rua do Barredo. «Os Amorosos da Foz» lá continuam no Campo Alegre, enquanto que o TEP coleciona enchenches com o «Teatro de Cordel». «O Último Baile em casa do Sr. Cunha», dança-se na Rua do Heroísmo, 86.

É só escolher!!!



Para já a nossa entrada na CEE atingiu-me a carne, roubando-me o usufruto de uma semana da antigamente chamada Hora de Verão e hoje chamada de Hora-não-sei-de-quê. Mas mesmo com um atraso de uma semana, venha a benfazeja hora nova, que me remoeça a alma e me tira o peso de um inverno que não foi nada meigo em termos de temperaturas baixas e chuvadas intensas.

Os dias passam a ser cada vez mais compridos, intensifica-se a esperança de muito em breve começarmos a deitar menos cobertores na cama, a prescindir de aquecedores, a ter sobre a ossada menos roupa, a arregaçar, as mangas, desapertar colarinhos, substituir as bebidas quentes pelas frescas. Embora Abril águas mil

RASCUNHOS

o se comerem em Maio as cerejas ao borralho, isto sempre já é outra louça.

Nasci aqui, cresci aqui mas o meu físico adaptava-se bem era aos climas quentes. Lá é que me sentiria bem, mesmo quando tivesse que suar às estopinhas. Ou talvez isto tenha a ver com essa de nunca ninguém estar bem com a vida que tem. Vão lá mais de seis anos bem contactos consegui realizar um dos meus sonhos velhos (outros ainda estão e ficarão para sempre por concretizar): ir ao Brasil. Por lá andei uns largos dias, armado em turista, sobretudo em romagem de conhecimentos familiares que não conhecia senão por fotos amareladas e cartas relativamente frequentes.

Quase no termo dessa digressão inesquecível ainda não tinha fruído o prazer de ir até uma praia. Até que cheguei ao Recife, uma cidade-oásis depois da babel carloca e da selva asfáltica paulista. Uma bela manhã

dessa curta mas intensa permanência na capital pernambucana cuja gente nos parece, pela maneira franca e aberta com que nos recebe, os nossos melhores transmontanos, a minha prima, uma das filhas e um dos netos, este um gabiru pequeno e vivazo que era um companheiro admirável, foram comigo à Praia da Boa Viagem. Instalamos o indispensável guarda-sol, reduzimos ao mínimo as vestimentas e lá fui eu experimentar a temperatura da água. Era um autêntico caldo, uma tepidez de banheira bem doseada. Eu estava encantado. Mas, quando fomos todos para o mergulho, já sem receios de digestão mal feita do pequeno almoço, os meus parentes Incolas desataram a lamentar-se de que a água estava fria.

Eles sabem lá o que é água fria! É o que eu digo: ninguém está bem com a vida que tem.

Carlos P. Morais

capaz de combater as consequências de uma catástrofe nuclear.

CURIOSIDADES...

O Mundo gasta anualmente em despesas militares 800 mil milhões de dólares.

As armas acumuladas poderiam aniquilar 58 milhões de pessoas, ou seja, 12 vezes a população mundial.

— x —

Se o custo médio de um carro tivesse crescido desde a II Guerra Mundial à mesma taxa

do custo das armas, o carro custaria agora 300 mil dólares (mais de 48 mil contos).

— x —

Se eclodisse uma guerra na Europa morreriam 671 milhões de pessoas o que é mais de metade dos habitantes do vasto território desde o litoral atlântico até aos Urais e que, nestas condições, a medicina seria in-

O comportamento de um elefante macho, por ocasião da morte de sua companheira, mostra que os elefantes também choram de amor.

Radji e Inga formavam um casal perfeito há 27 anos. No Outono passado, contudo, na sequência de uma pneumonia, Inga, morreu.

Na hora da sua morte, o seu companheiro pôs-se de joelhos junto dela, vergou a cabeça e grossas lágrimas escorreram-lhe dos olhos.

conversa de amigo...

Um dia o Júlio foi com os pais viver para a cidade. A cidade era grande, tinha muitas casas, jardins, havia muitos carros e gente nas ruas, havia coisas bonitas nas montras para ver e comprar, mas não era como na aldeia, não era mesmo nada parecido.

Na aldeia havia os campos e toda a hora sementeada. A toda a hora havia novidades a despontar prontas para serem colhidas. O céu era mais azul, mais límpido, quase sem fumo pois só de longe em longe se via algum casal. Não fossem os ninhos e as aves que os ocupavam e as árvores seriam ermas e solitárias por aqueles ermos erguidos. Ninhos de tordos, de rouxinol, de cotovia... até mesmo de andorinha. Andorinhas que arriavam mal chegava a primavera. E era quase primavera! Mas esta primavera era diferente pois onde estava o ar de festa, o ar perfumado pela salvação, o tomilho, o rosmarinho? As árvores despontavam, os ramos cobriam-se das primeiras folhas pequeninas mas... mas... e a azáfama dos campos não amaino das sementeiras de primavera?

Para onde quer que se voltasse, faltava sempre alguma coisa.

E o Júlio ia andando pela cidade de casas cinzentas, tão

altas e tão iguais, algumas bem bonitinhas, mas todas casas sem história. Sem uma história para contar.

Distraído, abriu o pacote que levava na mão e tirou uma amêndoa. Meteu-a na boca, lambou-a, deu-lhe uma trincada, mastigou, engoliu e meteu outra a seguir.

Que faria o Miguel àquela hora na aldeia? E o Jorge? E a Maria?...

Imaginou-os nos fatos dominigueiros, no largo da igreja, conversando e rindo, trocando laçadas, falando dos ninhos, da caça à raposa, de colheitas, de ninhos; falando de coisas de que ele gostava.

Meteu mais uma amêndoa na boca, olhou para as montras, olhando sem ver, e deitou a correr em direcção a casa.

Mãe, quando é que a gente volta de novo para casa? É tão bonito este tempo na aldeia, mãe. Tenho saudades dos sinos, da missa ao domingo, do coro na igreja, dos foguetes, das festas e das romarias. Quando é que a gente volta para casa, mãe?

Qualquer dia, filho. Qualquer dia.

Desconsolado o Júlio meteu mais uma amêndoa na boca e ficou-se tristemente a mastigá-la.

Maria Alice Casal Ribeiro

Casa VERMAR

José Rachão e António Marinho

Especialidade em arroz de marisco, Caldairada e todos os géneros de Petiscos
Bons Vinhos - Bom Ambiente
RUA 2 N.º 1413 - ESPINHO

Maria do Rosário Curral

Médica - Interna Psiquiatria

Consultas às 6.ª feiras das 15 às 20 horas

POLICLINICA CENTRAL
Telefs. 722111/723671

Parteira Lina

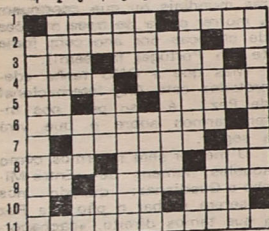
Preparação para o Parto e Pós-Parto, com Ginástica adequada pelo Método Psico-profilático.

Massagens de Estética Recuperação, reeducação e ginástica
Rua 18 n.º 482 - Tel. 720904
ESPINHO



PROBLEMA N.º 142

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS — 1 — Cantito; não o é a anã. 2 — Bri-lhem; as duas primeiras do alfabeto. 3 — Singular; burras. 4 — Escarnecerá; acosta. 5 — Fica no meio; ataca sem vogais; enguias. 6 — Disparate. 7 — Magoada; vale por grama.

8 — Sem roupa; aperto; tom-ba. 9 — Vale por Doutor; origina. 10 — Faz novelas (inv.); a metade final das costas. 11 — Monólogos.

VERTICAIS — 1 — Colé-ricos. 2 — Assim se chama o o primeiro filme em cinemascópio; aqui nasceu Abraão. 3 — Fragrância; República Democrática Alemã; o mais. 4 — Antes do Meio-dia; escuro; rio soviético. 5 — Dura 24 horas, traz a casa às costas. 6 — Ensejo; referido. 7 — Tem madastra ou padastro. 8 — Dá marido a pau-ferro. 9 — Cura filtrai. 10 — Alto aí; o cobalto par os químicos; é da família do pato. 11 — Queimaria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 141

HORIZONTAIS — 1 — Sorti-légio. 2 — Eu, execra. 3 — Cá, Arc, leis. 4 — Rum, ecoa, Ga. 5 — Ilegais, Sir. 6 — Pa-tego, Iona. 7 — Alindara. 8 — Num, sardosa. 9 — Tres, roer. 10 — Airar, ga, li. 11 Oligar-cas.

VERTICAIS — 1 — Sacri-panta. 2 — Aula, Uri. 3 — Ré, metâmero. 4 — Tua, gel, sal. 5 — Reagis, ri. 6 — Leccionar. 7 — Ex, os, roga. 8 — Gela, ladear. 9 — Ice, soror. 10 — Originas, lá. 11 — Asara, adis.

FUTEBOL

Paços Ferreira, 2 - Sp. Espinho, 1

Resultado certo era a igualdade

Campo da Mata Real, em Paços de Ferreira.

Árbitro: Agostinho Santos, de Leiria.

Paços de Ferreira — Zé Carlos; Monteiro, Toraca, Miguel e Vassalo (Eugénio, aos 78m); Barriga, Sousa (Edmilson, aos 57m), Quim e João Mário; Silva e Jorge.

SCE — Silvino; Almerindo Vitor Manuel, Cruz e Eliséu; Da Rosa (Vieira, aos 59m), Manuel Jorge, João Carlos e David; Zé da Pinta (Santos, aos 87m) e Abel.

Ao intervalo: 1-0.

Marcadores: Silva (43m), Zé da Pinta (68m) e Eugénio (86m).

Cartões amarelos para Cruz (48m) e Almerindo (54m).

Para as duas equipas, a lutar ainda por uma classifica-

ção que lhes garanta definitivamente a manutenção no escalão secundário do nosso futebol, este jogo era de grande responsabilidade para as suas prestações.

Os locais lançaram-se desde o início ao ataque, obrigando os espinhenses a ficarem no seu meio-campo e a protegerem as redes de Silvino. Tal ascendente, porém, só aos 43 minutos seria coroado de êxito.

Na segunda parte, o SCE resolveu mudar de velocidade e pressionou o antagonista, que terá cometido o erro de recuar em demasia no campo. Como corolário desse melhor acerto os «tigres» obtiveram o tento do empate, em lance de bola corrida (com Zé da Pinta a dar o toque final).

O resultado parecia estar feito, mas Eugénio, que havia entrado alguns minutos antes, marcaria o segundo gol da sua equipa, dando assim aos visitantes os dois pontos em disputa.

Arbitragem algo irregular.

ANDEBOL

Conferência de Imprensa

A decisão do clube espinhense ganhou consistência aquando do jogo Quimigal-SCE e, depois, pela morosidade por parte da Federação Portuguesa de Andebol em dar resposta à exposição do SCE, quando é sabido que a mesma é breve a responder noutras situações.

A actuação dos juizes de campo aveirenses nos jogos ultimamente realizados pelo SCE, mereceram um forte protesto por parte do clube espinhense acabando por ser a gota de água que fez transbordar um copo já de si bastante cheio. No entender dos responsáveis espinhenses há uma nítida perseguição dos referidos juizes ao SCE, que pode deitar por terra todo um trabalho feito ao longo dos últimos anos. Estas foram as razões principais para a tomada de posição que foi assumida pelos responsáveis espinhenses.

Valentim Castro diria a dado passo: «A actuação das duplas de arbitragem do distrito de Aveiro, nos jogos em que o

SCE actua, são um desastre, com prejuizo nitido do clube espinhense. No jogo com a Quimigal, realizado em Estarreja, a dupla de arbitragem aveirense Jacinto Rodrigues - Jaime Ferreira, que é de Estarreja, teve uma actuação bastante tendenciosa, chegando ao ponto de permitir agressões físicas às nossas atletas».

Numa primeira fase, e depois de pomenorizada exposição enviada à Federação Portuguesa de Andebol, em 10 de Fevereiro, os espinhenses informaram os responsáveis federativos que abandonariam a competição se não houvesse uma tomada de posição por parte da Federação. Como a mesma não foi tomada, o clube acabaria por abandonar, conforme tinha informado as entidades federativas.

Só em 7 de Março a Federação se pronunciou para acusar a recepção da exposição e informar que tinha reunido com a Associação de Desportos de Aveiro, com quem se esclareceu.

A Federação, entretanto, no princípio da segunda quinzena de Março, anunciou que ia ser aberto um inquérito que a circular federativa nº 44 de 21 de Março veio confirmar. O inquérito foi aberto por petição conjunta do SCE e da Associação de Desportos de Aveiro.

O técnico espinhense, António Canelas, teria oportunidade de expor algumas considerações dizendo o seguinte: «A atitude da Associação de Desportos de Aveiro/Departamento de arbitragem de andebol, ao nomear árbitros de Aveiro para os jogos do SCE, é acima de tudo uma posição revanchista. Aparentemente, querem que o SCE regresso à Associação de Andebol de Aveiro, mesmo contra a vontade do próprio clube. A partir de agora, a secção tem que pensar qual a atitude a tomar no sector feminino, porque o investimento que é feito é oneroso».

Pela parte que me toca, quero que haja moral no desporto, concretamente a nível de andebol, onde muitas vezes aparecem duplas de arbitragem que não tem o mínimo de qualidade para o fazer».

Não haja dúvidas que a tomada de posição do SCE, foi uma forte machadada na estrutura do andebol feminino em Portugal, onde a quantidade de praticantes desceu nos últimos anos. Vamos ficar à espera para ver em que tudo isto dá, prometendo que voltaremos a falar no assunto.

Assembleia Geral do SCE

Contas aprovadas por maioria

Numa sessão presidida pelo dr. José Manuel Gomes de Almeida, reuniu na sua sede, o SCE, em assembleia geral ordinária, no passado dia 26 de Março, pelas 21 horas, para apresentação e aprovação do relatório e contas da gerência do ano anterior, nos termos da alínea c) do art.º 86, dos estatutos do clube. O 2.º e último ponto da ordem de trabalhos, destinou-se à discussão de outros assuntos de interesse para a colectividade.

Com cerca de 4 dezenas de pessoas a assistir, o relatório foi aprovado apenas com um voto contra, e sem grandes reparações pois que os presentes facilmente se aperceberam das contas, quer através dos mapas apresentados, quer através das palavras de Rolando de Sousa que, em nome da direcção se pronunciou acerca dos resultados e das dificuldades que o clube vem atravessando. «As contas apresentadas traduzem

o que foi o ano de 1985 (saldo negativo do exercício: 1.986, contos) e as dificuldades que tivemos para gerir o clube», disse o presidente em exercício do SCE, no início da sua alocução. Prosseguindo, salientou que «O SCE vive, há alguns anos a esta parte, uma instabilidade directiva e consequentemente uma instabilidade financeira. Foi inevitável a contenção de despesas o que pôs em risco a nossa continuação na 2.ª divisão, mas se assim não fosse, o clube tornar-se-ia ingovernável». Rolando de Sousa explicou ainda que as restrições não foram só no futebol mas também nas actividades amadoras e espera, muito em breve, poder dar maior apoio às secções que interromperam mesmo a sua actividade. Outras referências foram feitas no que respeita às receitas e despesas dos jogos de futebol e ao urgente alargamento do número de sócios.

O 2.º ponto da ordem de trabalhos, destinou-se a assuntos de interesse para o clube. Alguns sócios intervieram fazendo perguntas ou pedindo esclarecimentos aos quais a direcção, sempre na voz de Rolando de Sousa, respondeu e explicou. Falou-se do complexo desportivo e da necessidade de ser construído em favor do clube e da cidade, das rifas que estão agora a ser passadas, de subsídios que o SCE tem recebido e da recuperação financeira, ainda que ligeira, mas de grande importância.

Marçal Duarte e Carlos Paardão, da Mesa da Assembleia e do Conselho Fiscal respectivamente, pediram a palavra e ambos focaram a importância destas assembleias e a necessidade do apoio de todos os sócios para que o clube seja revitalizado. Ao fechar a sessão, cerca da meia-noite, o presidente da mesa, Dr. José Manuel Gomes de Almeida, preferiu al-

gumas palavras. Disse que «o clube precisa de nova aragem, de gente nova para que, apesar da idade, continue a rejuvenescer».

Clarificou que «O SCE atravessa uma situação dramática e por isso a actual direcção pediu a algumas pessoas capazes, para dar continuidade à vida do clube. Já foram feitos alguns contactos e uma reunião, tentando a formação de uma equipa nova, atirada para a mudança. Mas é preciso o apoio, a confiança e o desejo de todos os sócios». Finalizando, referiu

que «essas pessoas que poderão formar a nova direcção, vão ter enormes dificuldades e sacrifícios para levantar a imagem e o prestígio que o Espinho sempre angariou».

Fez ainda uma referência ao trabalho desempenhado pela actual direcção e aos contactos que estão a ser feitos para a abertura da tómbola noutras moldes.

Antes de se abandonar a sala, a Mesa pediu um minuto de silêncio em homenagem ao falecido sócio-fundador, João Nogueira de Brito.

HÓQUEI EM CAMPO

Vilanovense, 3 - AAE, 2

Para cumprir mais uma jornada do Campeonato Nacional da 2.ª divisão, os espinhenses deslocaram-se no passado fim de semana a Gaia, onde defrontaram a turma local.

Os academistas jogaram sempre com muita determinação, especialmente na primeira parte que acabou com o resultado a seu favor por 2-1. Uma péssima actuação dos árbitros no segundo período permitiu ao Vilanovense dar a volta ao resultado.

AAE — Manuel António; Vilas, Jesus, Cruz e Justino I; Justino II (Menezes), Catarino e Alex; José Mendes (António Mendes), Carlos Magano e Vieira.

Em reservas, a AAE jogou com o Ramaldense sendo derrotada por 6-1.

No dia 12, às 15.30 horas, no campo da Textil de Arcozelo, a AAE defronta o F.C. Porto na última jornada da 1.ª volta.

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes
Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ☎ 724203 — ESPINHO

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

A VARINA

Especialidades:

Arroz de marisco, Lulas,
Caldeirada, Bacalhau, Rojões
e as famosas papas de
sarrabulho.

SERVIMOS PARA FORA

R. 2 n.º 1269 — ESPINHO
Telef. 724630

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294 ESPINHO

ECOS

Ansiedade

Diz-se que há um vereador que para mostrar a sua dinâmica já falou mais nestes escassos 3 meses de mandato do que em 6 anos de mandatos anteriores, em que pouco mais teria feito do que abanar a cabeça a dizer Amém.

Mudam-se os tempos...

Ao que consta, projectos considerados inconvenientes, e com pareceres negativos, que não foram aprovados pela Câmara anterior, passaram agora a ser bons e já foram aprovados.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades!

Eficiência...

Corre que a Repartição Técnica está a ter uma grande actividade, respondendo com eficiência às solicitações do Executivo o que não vinha acontecendo por alegada falta de meios. Se assim é, que meios terão sido mobilizados?

Isenção...

Consta que um vereador membro do júri dos concursos para terceiros oficiais tinha em seu poder o teste das provas com vários dias de antecedência, não tendo havido sorteio das provas...! Como clareza não é mau...!

Para quando os vereadores a tempo inteiro?

Quási três meses após a posse da Câmara continua a não haver vereadores em regime de permanência o que para além de constituir uma ilegalidade representa atraso para o andamento dos trabalhos.

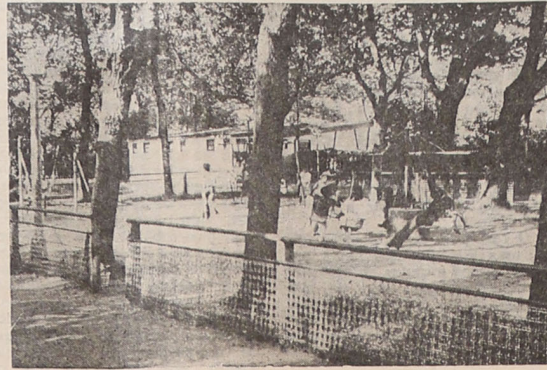
Apesar de resistências anteriores acabou por ser reconhecido o interesse da existência de vereadores a tempo inteiro quer para o cumprimento das deliberações quer ainda porque é aos eleitos que cabe a responsabilidade de administrar o Concelho.

PARQUE JOÃO DE DEUS

Temos vindo a constatar alterações no aspecto dos jardins com benefício para o aspecto da cidade destacando-se a zona turística da esplanada. Estão em curso obras de melhoramento do Parque João de Deus com a construção do pluvial para depois ser pavimentado. Esperamos que não esqueçamos o Parque Infantil e a inclusão de novos aparelhos de diversão que há vários anos são aguardados. Deseja-se também que não continue a ser um Parque Infantil para turista, isto é, que só este Setembro. As crianças de Espinho têm direito ao Parque já à disposição, com todos os seus aparelhos, entre Junho e em pleno funcionamento, como aliás já temos defendido várias vezes sem que se tenha tomado uma posição que satisfizesse. Talvez agora se resolva até por-

que já há uma deliberação da Câmara anterior a autorizar a compra de novos aparelhos. E por falar em Parques Infantis quando será que montam os aparelhos já adquiridos para o Bairro da Ponte de Anta?

da proposta e de modo especial sobre as taxas que parece terem sido afixadas de modo totalmente aleatório. Tanto são aquelas, como podiam ter sido outras, já que a proposta não se apoia em qualquer estudo justi-



UM DIREITO DAS CRIANÇAS

AUMENTO DE TAXAS...

O vereador do pelouro apresentou uma proposta da qual resultou a aprovação da alteração das taxas de ocupação dos recintos da feira semanal e dos mercados diários. Teria interesse conhecer as posições dos vários vereadores sobre o teor-

ficativo apontando apenas para um aumento «aproximado» de 25%.

Caberá à Assembleia Municipal decidir em última análise e espera-se que a Câmara respeite a recomendação da Assembleia de não a colocar perante factos consumados.

Esperamos voltar ao assunto.

E O CONCERTO DA PÁScoa?

A Câmara tomou conhecimento e reteve para estudo a proposta de programa cultural apresentada pelo vereador respectivo. Esperamos poder vir a ter acesso a esse documento para depois fazer a nossa apreciação.

Para já não foi realizado o costumeiro Concerto da Páscoa que enchia a nossa Igreja Matriz de gente interessada. É um mau começo.

A VERDADE LACÓNICA DAS ACTAS...

O laconismo das Actas não reflecte de modo algum os debates e a diversidade de opi-

Lito Gomes de Almeida, tem feito diligências para que o edifício possa ser adquirido pelo Patronato.

Para já fazemos votos para que os direitos das crianças não sejam atingidos. E no próximo número daremos certamente mais notícias.

niões que naturalmente devem ter surgido sobre os assuntos em debate nas sessões privadas da Câmara.

Sempre foi assim, mas, como as sessões eram públicas, os debates eram do conhecimento geral, agora não são e por isso a missão de quem tem o dever de informar o público está grandemente dificultada.

O Maré Viva sempre se manifestou contrário a que as decisões fossem tomadas no secretismo dos gabinetes e o atraso do início das sessões para conversas privadas sobre os problemas a debater. Por isto estamos à vontade para perguntar: A quem convirá esta situação de privacidade das sessões? Quem receia exprimir as suas opiniões perante o público?

PROMETER PARA TER

Durante a campanha eleitoral para as Autarquias, as promessas de emprego foram muitas e não só de um candidato.

Houve porém um que usou e abusou das promessas chegando a prometer a reabertura duma fábrica, sabendo bem que não o podia fazer pois até já estava judicialmente condenada, como agora está provado. No período de campanha ouvimos dizer que só numa rua, a sul de Espinho, já eram mais de 40 os futuros varredores a admitir pelo município sob os auspícios desse candidato.

«PEDE O GULOSO PARA O DESEJOSO», é um ditado popular que vem mesmo a propósito. De facto, o que acontece, é que as promessas visavam não a dar emprego a qualquer eleitor mas a arranjar emprego para o candidato desempregado.

Conseguiu ludibriar os incautos e até certo ponto atingiu o seu objectivo, ser eleito, mas ao que parece está periclitando uma situação de emprego de mais rendimento e a tempo inteiro como convinha, pese embora a mobilização de «cunhas».

Mau é para o Poder Local que sejam eleitos candidatos cujos objectivos não são servir as populações nos cargos a que concorrem mas obter benesses nesses cargos.

Apesar de tudo, e mesmo 12 anos após o 25 de Abril, a demagogia compenhou já que o eleitorado se deixou enganar com promessas, mesmo quando era evidente que não passavam de promessas e visavam atingir outros fins.

O POVO há-de entretanto constatar o engano e penalizar quem o enganou.

TUBO DE ENSAIO: música popular no próximo Sábado

«Siganusga», grupo portuense da área da música popular portuguesa, é o convidado em mais uma sessão de música ao vivo promovida pelo Tubo de Ensaio, a ter lugar no próximo sábado à noite naquele espaço de convívio e animação para a juventude espinhense.

Dá-se assim continuidade, e da melhor maneira, às propostas musicais que regularmente ali têm levado muitos jovens. E

desta vez não irão apenas ouvir música mas também dançar, já que de um pezinho de dança ao som de um malhão ou chula se irá passar para os ritmos mais acoutais dos éxitos das pistas de dança.

Entretanto, o «Tubo» não é só música, como o provam os dois cursos de iniciação neste momento a decorrer, à rádio e a fotografia, com o primeiro a

fazer deslocar aos estúdios da RDP - Porto os jovens participantes e o segundo a desvendando os segredos do trabalho em laboratório. Para além disso continuam abertas as inscrições para a iniciação aos computadores, tal como abertas estão diariamente, das 15 às 19 horas, as portas do «Tubo», agora com o aliciente da esplanada já a funcionar.

Infantário do Patronato: despejo?

Apesar de ainda não haver nenhuma ordem de despejo por parte do Tribunal, corre a notícia de que o Infantário «Costa Verde», (Patronato), poderá estar sujeito a tal ordem.

Na origem do facto, estão as obras que a direcção do Infantário teria levado a cabo recentemente.

Segundo um elemento daquela direcção, «a autorização para as obras foi dada por um familiar do proprietário e aquelas não afectam em nada o tipo de construção original do edifício».

O mesmo elemento da direcção do Infantário disse-nos ainda que «não se compreende

como poderá surgir um caso destes».

O Infantário tem 26 postos de trabalho e cerca de 150 crianças que começam agora a ver ameaçada a sua existência».

Consequimos ainda apurar que a Câmara Municipal de Espinho, através da insistência de

O actual executivo camarário já tomou posse há três meses mas, até agora, ainda não se descortinam as intenções do vereador da Cultura sobre a orientação a dar ao seu pelouro. Continuará a Câmara Municipal sem uma política cultural digna desse nome?

A eleição de Francisco Azevedo Brandão, um dos mais activos críticos da inação cultural dos anteriores executivos, criou algumas (poucas) expectativas quanto a uma possível inversão na orientação cultural da CME. Expectativas que, infelizmente, se vão esgotando pouco a pouco, para prejuízo da cidade, das colectividades e de todos os espinhenses. Aguardemos.

o fechar

maré viva
ESPINHO



PORTE
PAGO

Administradores da Câmara
Municipal de Espinho
4 500 ESPINHO